

# APRESENTAÇÃO

Neste volume estão publicados artigos de obras e autores dos séculos XXI a XVII que se dedicaram a gêneros e temas diversos: da análise de *Emma Bovary* em linguagem mangá passamos ao romance *Thérèse Desqueyroux* de François Mauriac, a *Ève Future* de Villiers de L'Isle-Adam, ao livro de poemas de Aloysius Bertrand, *Gaspard de la Nuit*, à obra de Sade e, finalmente, à tragédia *Phèdre*, de Jean Racine. O volume contém ainda uma resenha de dissertação sobre *Les Misérables* de Victor Hugo.

Iniciando, encontramos o texto de Ana Luiza Ramazzina Ghirardi sobre “Diálogos intermidiais: Emma Bovary em mangá”, que tem por objeto o exame da releitura, feita por Yumiko Igarashi em linguagem mangá, do romance de Flaubert publicado em 1857. Após as apropriações já tradicionais sofridas pela palavra literária verbal, feitas pela música, teatro, cinema, com a transformação das tecnologias de informação, a literatura vai ainda além dessas fronteiras tradicionais, por meio de novos processos intermidiais, reconfigurando as formas de produção, difusão e significação textuais. Compreende-se que esse contexto exige, por sua vez, novas formas de investigação e de reflexão por parte da intermidialidade, que reflete a hipertextualidade a que já se referiu Gérard Genette. Trata-se de examinar a “arte de fazer o novo com o velho”, que tem a vantagem de produzir objetos mais complexos e mais saborosos do que os produtos fabricados: uma função nova superpõe-se e mistura-se com uma estrutura antiga. Nesse momento, acontecem diferentes ressignificações do tema que conferem ao texto de partida mais sabor, por meio de processos midiáticos como a intermediação, a remediação e a transmissão. Paul (2015) observa que esse fenômeno intermidial é profundamente cultural, em dois níveis: no do emissor, do artista que vai usar diferentes mídias, e do receptor, espectador ou observador, que vai “ao encontro” de uma obra com seu próprio horizonte de expectativa. Diferentemente da comunicação escrita, essas novas mídias multimodais mostram-se carregadas de variados modos extralingüísticos que dão instrumentos ao receptor, que, segundo Eco (2002), terá papel ativo para recriar o sentido do texto. O artigo de Ghirardi analisa a releitura que faz Yumiko Igarashi em linguagem mangá de *Mme Bovary*.

de G. Flaubert, tentando refletir sobre a criatividade midiática que associa texto e produtos modais para criar um produto multimodal. Segundo observação de Fraisse (2012), o romance de Flaubert mostra-se “múltiplo e híbrido” ao ser reconfigurado nessa nova linguagem, e a personagem Emma Bovary, por um processo de “aclimatação e relocalização”, é reencarnada e reinventada com uma nova voz, relançando o diálogo entre diferentes culturas.

No artigo seguinte, as duas articulistas, Carla Alexandra Ezarqui e Andressa Cristina de Oliveira examinam a “Autossuficiência romanesca: a resistência da heroína desiludida em *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac”, baseadas na *Teoria do romance* de Lukács para mostrar o processo de inadaptação da personagem na sociedade da região de Bordeaux, no início do século XX. Publicado em 1927, esse romance tem ainda traços conservadores diante das transformações formais que o gênero irá conhecer logo em seguida com o *nouveau roman*. Em relação à protagonista, cuja introspecção é articulada como espaço da maior parte do romance, é a que tem maior complexidade, à medida que apresenta um contraponto entre o caráter reflexivo de sua personalidade e a indeterminação de seus atos. Nesse romance da desilusão, Lukács aponta a análise psicológica diluindo o enredo, a forma, uma vez que a ação se desenvolve no pensamento, concretizando-se em estados de alma. O romance de Mauriac utiliza técnicas de composição que o vinculam ao século XIX, e preza pela ordem e pela clareza, ao mesmo tempo em que conserva o ilogismo da personagem. Assim, a narrativa é organizada no sentido de equilibrar o desenvolvimento dos fatos e a reflexão da personagem sobre eles, sem, no entanto, chegar à diluição do enredo, pois a sucessão dos fatos é determinada pelo tempo psicológico, tendo em vista que todos os capítulos são narrados a partir da interpretação e visão de mundo da protagonista, cuja autonomia deixa entrever uma dissolução da voz narrativa.

Temos novamente duas articulistas apresentando “O Idealismo villieriano e as intertextualidades bíblicas em *A Eva Futura* de Villiers de L’Isle-Adam”: Samara Beatriz de Oliveira Paradello e Norma Domingos, que examinam as intertextualidades bíblicas nesta obra do autor. Villiers escreveu na segunda metade do século XIX e conserva marcas do romantismo de sua formação esquecidas pela sociedade desse período. Ele critica a superficialidade, a fé cega na ciência e o crescente mercantilismo do final do século. Neste texto, as articulistas buscam ilustrar como a intertextualidade bíblica impregna *A Eva Futura*, publicada em 1886, deixando perceber a representação do idealismo filosófico que torna sua obra de difícil leitura. Desde o título, o livro de “Gênesis” e a criação humana vão perpassar todo o romance. Também o “Evangelho de Mateus” é citado, com

passagens da vida de Cristo, como a Parábola do Semeador, a que remetem as observações de Edison, o cientista criador da Eva/Hadaly, mulher artificial, sobre a capacidade de falar, de escutar e de ouvir que manifestam as pessoas de seu século. Edison recorre às intertextualidades em meio a reflexões que tece sobre a fotografia, o fonógrafo, a eletricidade que utiliza em seu processo de criação, no sentido de questionar suas invenções para saber se elas seriam capazes de captar não apenas os sons ou os momentos, mas também, o significado deles, preservando a unidade perdida. Conclui, no entanto, que o sentido só se encontra na palavra ou na imagem no instante em que se apresentam. O romance foi escrito ao longo de nove anos e ilustra a vontade de suprir as exigências do desejo humano em transfigurar a realidade, criando um ser autômato pelo viés do imaginário. Assim, comprehende-se que se trata, nesta obra, muito mais de romance filosófico do que de ficção científica.

Neste volume, o leitor encontrará ainda um artigo denominado “Estranhos prodígios: grotesco, medievalismo e poema em prosa em Aloysius Bertrand”, de Matheus Victor Silva, no qual o livro de poemas *Gaspard de la Nuit*, publicado postumamente em 1842, é examinado em função de uma forma que anuncia a modernidade e, ao mesmo tempo, de uma temática já ultrapassada. Na verdade, o medievalismo de Bertrand mostra-se muito mais rico do que aquele que aparecia até os anos 1830 na França, e isto não apenas pela riqueza de detalhes como pela forma como estes se dispõem através de sua imagética. O traço medievalista de Bertrand não é idealizado, já que reflete uma fase cômica e irônica, dotada de forte realismo, que deixa transparecer também a presença do pitoresco e do fantástico. O efeito poético singular de *Gaspard* advém do contato irrestrito e intrincado da realidade crua com o exuberante universo do imaginário popular medieval. Quanto ao grotesco, ele ofereceu ao Romantismo uma via de acesso ao lado obscuro e inconsciente da alma humana, em que era uma forma de provocação e uma estética bem diversa da que havia sido encontrada no Classicismo. E Bertrand foi ainda o precursor do poema em prosa, forma breve e contrastante, ideal para as tensões que o poeta desejava “pintar”. Da primeira à última versão que realizou em alguns de seus poemas, é possível perceber um trabalho de revisão que lhe permitiu refinar sua forma até atingir a economia de traços específica de seu poema em prosa. O articulista assume, então, não ser gratuita a relação entre essa pesquisa formal que o poeta realizou e a complexa expressão grotesca da obra dentro do contexto dos programas românticos combativos da França de então.

Em outro artigo, Renata Lopes Araújo trata de “O Realismo e Sade”, onde analisa os textos desse autor do século XVIII o qual, segundo ela, parece ter como

objetivo fazer com que o leitor repense aquilo que considera verdades absolutas, embora Sade não tenha a intenção de conferir a sua obra qualquer efeito de real, isto é, um elemento que quer dar a impressão de que o universo descrito é real. No realismo literário, a necessidade de materializar o texto, preenchendo-o com objetos do mundo real para provar sua ligação com ele, seria gerada a partir do desejo de opor o concreto ao inteligível. Assim, elementos considerados supérfluos ganham destaque e dão à narrativa um caráter quase histórico. Atendendo-se a questões sobre o que é realismo, a articulista lembra que as definições variam segundo as épocas e os pontos de vista. A descrição que é realizada nos romances realistas do século XVIII, por exemplo, pode ser usada para contrariar o senso comum e construir um mundo no qual o leitor pode se sentir perdido. Este parece ser o caso da obra do Marquês de Sade, considerada por muitos como totalmente contrária ao que propõe o Realismo. O público em geral que não tenha familiaridade com sua obra ficará surpreso ao ler a riqueza de detalhes para caracterizar personagens que tiram o leitor de sua zona de conforto, para confrontá-lo a algo diferente do que tem em sua vida ou nos textos com os quais tem contato. Sua escrita é uma luta constante contra o que foi inculcado nele e em grande parte das pessoas. Segundo Sollers (1968), o incômodo provocado pela leitura de sua obra derivaria do fato de seus textos serem lidos de modo errado. Ao invés de associá-los ao real, deveriam ser encarados como uma demonstração do poder do efeito de real criado pela neurose constitutiva do ser humano, e que levaria a um conflito inconsciente entre os desejos e as interdições aos mesmos.

Em “Confissões de Fedra: falas que condenam”, Maria do Carmo Faustino Borges faz uma leitura dessa obra trágica de Jean Racine, de 1677, para dar enfoque às cenas em que se encontram três confissões da heroína, o transbordar de suas emoções e a revelação do segredo que a aniquila, falas que são decisivas para desencadear a tragédia. Trata-se de confissões que Fedra faz a Enone, a Hipólito e a Teseu e que mostram o amor infeliz, que suscita terror e piedade, e as paixões que consomem a alma e o corpo da protagonista.

O volume apresenta ainda uma Resenha da Dissertação de Mestrado de Maria Júlia Pereira sobre As personagens Myriel, Enjolras, Jean Valjean e Javert, em *Les Misérables* de Victor Hugo: reações à concepção de justiça legalista, defendida na FCL, Unesp de Araraquara, em 20 de maio de 2020.

Guacira Marcondes Machado